

MORTOS VIVOS

Roda Morta Mesa Viva

Caio Riscado

RENATO: Vi “Mortos Vivos” no CCBB, no Galpão Gamboa e, agora, no Sérgio Porto. Acompanhar o amadurecimento de um trabalho, na posição de espectador, é um privilégio para nós que trabalhamos nas artes da cena. Vi o texto ganhar mais camadas, os atores mais pele e a pele se expandir em outros corpos que, nem sempre, podemos tocar. Nesse grupo que é foguete, que é faísca de maravilhosidade, acho particularmente interessante o tom mais denso que o espetáculo foi ganhando, menos risonho e mais preocupado com as palavras. Na escolha de uma boca quase fechada, de um maxilar travado, as palavras na encenação não são só difíceis de serem ditas porque a língua está aprisionada pelos dentes. As palavras ganharam uma localização. E isso quer dizer que elas, as palavras, têm lugar. E esse lugar é mesmo o agora, onde os limites entre cena e espetação se diluem, mas não por uma escolha estética de sala expandida ou desejo por interatividade. Não há barreiras entre atores e plateia justamente porque todos nós, querendo ou não, fazemos parte da conferência agitada em Mortos Vivos. A conferência viva não é reflexo da sociedade morta. Ela é, nesse caso, a própria sociedade - que não poderia ser melhor definida do que por um binômio que evoca o paradoxo: morto/vivo. Binômio esse que me faz lembrar das festinhas de aniversário, da brincadeira pouco comprometida em se fazer, de fato, vivo ou morto. Comemorações a parte, há sempre uma conferência se dando dentro de outra. Uma metalinguagem que não cessa de investir também por meio dessa trincheira – só é vivo aquilo ou aquele que pode morrer. E, no entanto, muitos são os exemplos daqueles que seguem animados em uma vida morta ou dando conta de uma forma de morte ainda em vida. O lugar das palavras, portanto, é esse espaço paradoxal onde as bocas continuam cerradas, mas cheias de coisas para dizer. As mandíbulas estão tensas e inúmeras são as placas de bruxismo produzidas pelos dentistas todos os dias. Estamos rangendo os dentes, nos comunicando por grunhidos e isso causa extrema indisposição e fadiga. Como o Lucas zumbi sua, vocês viram? Respeitadas as diferentes opiniões sobre a facada que atingiu o político presidenciável e mesmo me colocando contra essa ação, não posso deixar de comentá-la. Então, uma coisa é fato para essa conferência morta viva mundial: os ânimos estão alterados. E uma das razões para isso estar acontecendo, caro candidato, é o cansaço. Ser zumbi do senhor, e para o senhor e os seus, cansa. Mas o senhor não se preocupa, pois você fica mudo, nesse mundo só teu, cheio de fantasias. Eu não deito contigo, senhor candidato. Eu durmo comigo, sou minha menina, e quando me perguntam: quando vou te deixar, eu respondo: só morta.

*

FELIPE: Andrew Solomon, autor do famoso livro “O demônio do meio dia” sobre a depressão, escreveu um segundo livro que considero ainda mais intrigante. Em “Longe da Árvore”, Solomon analisa a relação entre pais e filhos que, por diversas razões, enfrentam dilemas identitários ao longo de suas vidas. Para isso, ele percebe as identidades em 2 grandes categorias analíticas. Seriam elas: 1) as identidades verticais – aquelas predominantemente passadas dos pais para os filhos, mas não somente através de cadeias de DNA. Solomon argumenta que atributos e valores também são transmitidos através de normas culturais compartilhadas. Cito Solomon: “A etnia, por exemplo, é uma identidade vertical. (...) a linguagem é geralmente vertical, uma vez que a maioria das pessoas que fala grego educa os filhos para falar grego também, (...) a religião é moderadamente vertical: pais católicos, tendem a criar filhos católicos, embora as crianças possam se converter a outra fé. (...) a nacionalidade é vertical, exceto para imigrantes. Cabelos loiros e miopia são muitas vezes transmitidos de pais para filhos, mas na maioria dos casos não constituem uma base importante para a identidade – o loiro porque é bastante insignificante, e a miopia porque é facilmente corrigida” (p.12); 2) as identidades horizontais – seriam aquelas que apresentam uma característica inata ou adquirida pelo filho e que é estranha aos seus pais. Essas identidades podem refletir genes recessivos, mutações aleatórias, influências pré-natais ou valores e preferências que uma criança não compartilha com seus progenitores. Cito Solomon: “ser gay é uma identidade horizontal; a

maioria das crianças gays tem pais heterossexuais e, embora a sexualidade não seja determinada por seus iguais, elas aprendem a identidade gay observando e participando de uma subcultura fora da família. A deficiência física tende a ser horizontal, bem como a genialidade. A psicopatia é também horizontal: a maioria dos criminosos não é criada por mafiosos e deve inventar sua própria insídia. O mesmo acontece com o autismo e as ditas deficiências intelectuais. Uma criança concebida por estupro nasce com desafios emocionais que a própria mãe desconhece, ainda que advenham de seu trauma” (p.13). Depois de introduzir essa divisão, o autor nos diz que as identidades verticais são geralmente respeitadas como identidade e as horizontais, por sua vez, tratadas como defeitos. Mesmo considerando todas as questões a respeito do racismo, sendo a cor da pele uma identidade vertical, Solomon nos chama atenção para o fato de que existem pouquíssimas pesquisas que buscam uma alteração da expressão gênica para que filhos de pais negros possam nascer de pele clara. Ser asiático, judeu ou mulher na sociabilidade moderna pode ser também muito difícil, mas poucos são os que sugerem que asiáticos, judeus e mulheres devem buscar meios de se transformarem em homens brancos e cristãos. Identidades verticais podem causar desconfortos e sérios conflitos, mas poucas são as tentativas científicas de homogeneizá-las. Já com as identidades horizontais, as coisas acontecem um pouco diferente. Solomon nos diz que a maior parte dos pais de gays, tentam, em algum momento, transformar seus filhos em heterossexuais. Ele continua dizendo que corpos anômalos são geralmente mais assustadores para aqueles que os testemunham do que para as pessoas que os têm. Rotular uma criança como doente – seja ela autista, deficiente intelectual ou transgênero – reflete mais o desconforto que essa criança causa no outro e não o seu próprio sentimento. Para o autor, essas e outras pessoas são membros de minorias que precisam definir-se em oposição a maioria para que tenham suas identidades preservadas. Em tempos de uma maior visibilidade do movimento negro, transfeminista e da militância dos direitos humanos, Solomon nos faz pensar: crianças surdas e/ou mudas passam uma vida tentando ouvir e falar, usando aparelhos, passando por intermináveis consultas médicas e cirurgias abusivas; crianças anãs passam por procedimentos absurdos de alongamento dos membros; as instituições científicas transbordam em pesquisas para evitar o nascimento de crianças tidas como anormais; abortos seletivos podem ser feitos para impedir o nascimento de uma criança Down – o exame para identificar se o feto é portador da síndrome é uma prática reservada para as elites, de modo que, com o passar do tempo e uma maior aceitação do mesmo, podemos estar contribuindo para a promoção de um recorte socioeconômico na ocorrência da síndrome; crianças autistas ou esquizofrênicas são isoladas do convívio social como se os seus mundos fossem os “errados” - são os médicos e os pais que dizem: ela não se sente bem, ela não fala, ela não é feliz; crianças com distúrbios neurológicos extremos são mantidas em cativeiro e assassinadas; prodígios são, muitas vezes, explorados pelos pais e não entendem a sua própria capacidade de assimilação do mundo; filhas e filhos de estupro já nascem de uma experiência de violência e podem nunca acreditar que, apesar do ato criminoso, foram desejados; crianças que cometem crimes, na maior parte das vezes, não são escutadas nem pela própria militância dos direitos humanos; crianças transgêneros apanham, sofrem estupros corretivos, são silenciadas, se mutilam e algumas vezes cometem suicídio. Em determinado momento, Preciado perguntou: quem cuida da criança queer? Depois de Solomon, amplio a pergunta: quem cuida da criança cega surda muda anã autista down prodígio esquizofrênica aneurotípica transgênero filhadestupro ou psicótica? Quem dá a essas crianças a chance de ter uma identidade? De reconhecer sua diferença como base estruturante de sua subjetividade? São muitas as crianças e mais uma pergunta: será que para elas, nós, mesmo em nossas diferenças, não somos os zumbis?

*

STELLA: Lucas já é Lucas Zumbi. Stella, Felipe e Renato nos explicam sobre o caso de um psicólogo que planejou uma experiência acadêmica, pautada no aprendizado de palavras, para medir a capacidade de controle das pessoas frente a um estímulo de tortura. Toda vez que um aluno errasse como se soletra a palavra, no caso, não aprendida, o voluntário era convidado a lhe dar choques. Para a surpresa do psicólogo e alguns dos presentes no teatro, a porcentagem de pessoas capazes de acionar o choque até o seu último grau é de mais da metade dos voluntários testados.

Bom, se me convidam para uma experiência dessas, confesso que estaria dentro desse grupo de pessoas. Se a máxima popular nos diz que “o combinado não sai caro” e que a experiência está sendo feita em comum acordo por todas as partes, sim, eu gostaria de dar choques em alguém. O que não me assusta em fazer o papel do “torturador” nessa experiência é saber que nela todos têm a possibilidade de escolha. O aluno escolheu aprender e não aprender palavras sob o risco do seu erro ter uma consequência dolorosa. Assim como o voluntário escolheu ser o agente dessa ação de dor. Stella nos diz: a máquina de choques estava deligada e o aluno era um ator contratado. Mas isso é o de menos. Pois a interpretação do “aluno ator” pode ser mais convincente do que a reação real de um corpo em choque. O problema é quando tentamos fazer a transferência dessa experiência para outros planos. Na cidade, as máquinas não estão desligadas e, ao contrário disso, muitas já funcionam sem a presença de seus agentes. Máquinas térmicas, como revólveres, fuzis e metralhadoras, foram feitas para disparar – e aqui está o problema – para disparar não em comum acordo entre ambas as partes (o atirador e seu alvo), mas como dispositivo inaugural de um novo limite. O limite daquele que detém o poder de delimitar quais vidas importam e quais vidas não importam; quais vidas podem ser vividas – no sentido de que quais vidas o poder deixa viver. Marcus Vinícius, de 14 anos, foi baleado durante uma operação policial na favela da Maré no dia 20 de junho de 2018. Marcus não resistiu aos ferimentos e morreu no hospital. Marcus estava na escola, aprendendo palavras como no caso relatado acima. O problema é que Marcus não era ator e o policial que disparou contra ele, muito menos, um voluntário. Mas mesmo saber, os dois, Marcus e o policial, fazem parte de uma experiência social que não lhes dá o poder de escolha. “Ele não viu que eu estava com roupa de escola, mãe?”. A regra de um lado é atirar e do outro tentar sobreviver. O nome dessa experiência é poder do estado, extermínio da população pobre e negra. Nessa corrida por aprender palavras para se defender dos choques, nós estamos todos morrendo de linguagem. Mais uma vez, então, nos perguntamos: quem são os zumbis?

*

LUCAS: O que nos resta para essa conferência morta viva mundial é afirmar o fracasso. Afirmar o fracasso não como forma de desistência, mas como alerta de que vencer não é a única possibilidade. Se existe somente um primeiro lugar, mais numeroso é o conjunto que representa quem não está lá. A dramaturgia de Alex, movida pelas atuações de Stella, Renato, Felipe e Lucas, algumas vezes, dá voz a essas pessoas que não subiram no pódio, não levaram medalha nem aplausos. Assim como na obra do performer amazonense Victor de La Rocque, gosto da possível leitura de “Mortos Vivos” que evidencia aquilo que, embora óbvio, temos extrema dificuldade de constatar. Ou seja, de que o horizonte do fracasso é bem mais amplo do que o lugar de vitória. E que só deixamos de fracassar quando a vida não é mais possível. Ou que, assim como no agora, vivemos variadas formas de morte em vida – fracassos que não podemos esquecer. Ou como na poesia de Francisco Mallmann:

os meninos
não amei
quando eram meninos
e queriam me matar

amei quando não eram

os homens
não amo quando
são homens
e querem me matar

amo quando não são
(Francisco Mallmann, 2018)